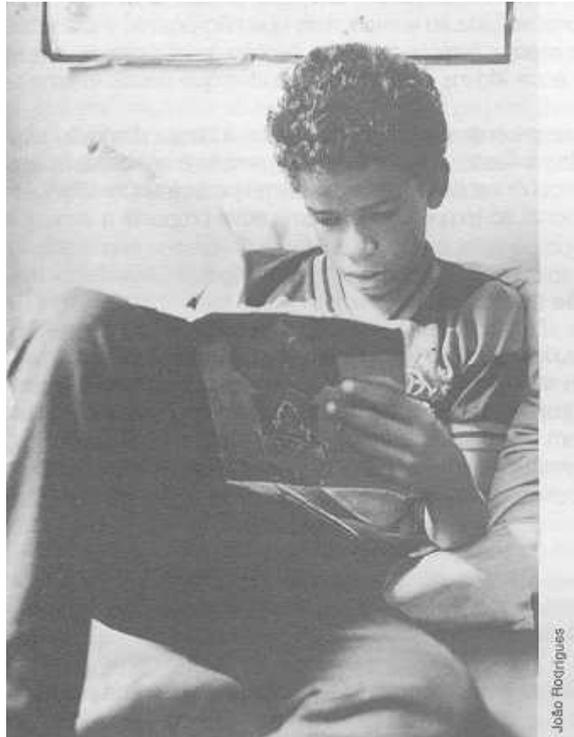


Maria Lúcia Hage Masini*

Suzana Magalhães Maia**

A Leitura Enquanto Prática Social e a Intervenção da Escola



Considerar a leitura como prática social, sem incorrer na possibilidade de se estar cometendo um pleonasma, é admitir que possa existir leitura sem que esta se constitua como uma prática social. E, neste caso, o que temos então?

As instituições educacionais há muito vêm discutindo esta questão, por vezes desvendando os processos de desenvolvimento da leitura, a fim de se apurar o método utilizado em sua aprendizagem.

Há uma constante busca da lógica desses processos, de algo que possa ser considerado científico, passível de ordenamento, hierarquia, classificações. Na explicitação de tal lógica, há

*Professora da área de Distúrbios da Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Professora titular da área de Distúrbios da Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

uma aplicabilidade da linguagem, isto é, utiliza-se a linguagem como instrumento que esclarece, que expõe, que comenta. Acaba-se até por esquecer que é da própria linguagem que se fala e que, uma vez ordenada em categorias, fica sujeita a fragmentações e corre o risco de não mais ser reconhecida em sua totalidade. É sob esta forma que se elaboram as práticas pedagógicas.

A busca do melhor método de aprendizagem da leitura é sempre externa, tanto em relação ao professor como ao aluno. A ciência positiva permite (e leva a) essa forma de se lidar com a natureza humana; forma distanciada em que professor e aluno, não se constituindo em sujeitos do seu próprio trabalho, limitam-se a cumprir um papel previamente determinado: fazem parte de uma instituição educacional voltada ao ensino, mas que não ensina, e culpa alunos e professores pelo fracasso escolar. Ao mesmo tempo, cumpre a função de não erradicar o analfabetismo, mas sim de manter a divisão entre alguns que sabem e muitos que jamais virão a saber.

Onde nos situamos nesse processo? Referíamos-nos à busca de novas alternativas de ensino e aprendizagem da leitura. Cada vez que um novo modelo é aplicado, as esperanças se renovam, no sentido de se descobrir se desta vez o problema poderá ser resolvido. O tempo da calma é diretamente proporcional ao tempo que leva uma nova proposta a explicitar o seu fracasso.

... e as crianças não gostam de ler

Pelo menos aquilo que se refere à leitura concebida dentro do espaço escolar. Ainda bem. Com isto demonstram que não são simples objetos de nossas experimentações, que é preciso considerá-las como sujeitos de sua própria aprendizagem. Porém, como este é um jogo de poder desigual, elas acabam sendo penalizadas por sua saudável "má aprendizagem" e são consideradas "problemáticas", "carentes", "incapazes" de penetrar neste mundo insípido da leitura que é apresentado pela escola.

E o que pensar diante de situações como estas:

Jogo do senta-levanta

"Agora eu já sei todas as letras, agora só falta juntar e ler" – dizia um menino.

Um outro estava lendo um livro em voz alta. Sua leitura era fluente e ele lia com entusiasmo. Ao terminar o livro, perguntei-lhe o que havia achado do mesmo. Com cara de espanto, ele me respondeu: "eu só li palavras!..."

Naturalmente, nossa primeira reação é pressupor uma possível dificuldade que ambos possam apresentar. Mas o segundo menino continua dizendo: "lá na escola, a professora manda ler em voz alta. Cada um lê um pouquinho. Enquanto um lê, os outros acompanham no livro pra saber onde parou'. Qualquer criança levanta tensa, porque sabe que ao ler algumas linhas em voz alta estará sendo avaliada pelo professor, e senta relaxada porque sua vez já passou. Pouca atenção é dada ao texto. É na verdade um monte de palavras, onde a satisfação que a criança demonstra ter é pela fluência ou não de sua leitura.

Jogo do procure-ache

Geralmente, o trabalho de interpretação é associado apenas à leitura silenciosa.

... cada um lê para si mesmo, só com os olhos, depois abram o livro na página das questões e

respondam no caderno." E boa parte da classe vai direto para as questões: "pra que perder tempo lendo? É só ver o que pede a pergunta e ir direto procurar no texto".

As perguntas geralmente são ordenadas segundo o eixo temporal da história, o que facilita a localização da resposta. Esta é dada literalmente igual ao texto. Assim pouca diferença faz se é o João, a Maria ou o Pedro que está lendo.

História do leitor

Pensando um pouco, é fácil respondermos a pergunta feita no início – o que temos então?

Temos uma leitura como prática mecânica de aprendizagem. Temos uma escola que se arvora no direito de formar os leitores dessa sociedade, sem que a mesma seja considerada dentro do ambiente escolar. E é esta mesma escola que quer discutir a leitura como prática social, articulada com as demais práticas que ocorrerem em uma sociedade.

É de suma importância indagar que sociedade é esta que pode aceitar ou conceber uma programação educacional idealizada independentemente dos sujeitos que dela necessitam. Que política educacional é esta que acredita em suas propostas educacionais circunscritas em um mundo fechado, em que os avanços técnicos e científicos podem por si só dar conta da constituição de leitores em uma sociedade em transformação? Trata-se de uma política estruturada em bases estipuladas pelo próprio técnico da educação, ignorando as reais necessidades da população escolar, de onde qualquer Programa de Educação deveria começar.

Só é possível se pensar na leitura como prática social, se os educadores se conscientizarem de que o fundamental, o objetivo primeiro da ação educativa, é a transformação da relação cidadão-sociedade, já que é nesta que os programas educacionais se circunscrevem.

Assim, ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois entende-se como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas.

Por isto, não queremos situar a criança e a leitura na dimensão da busca de novos caminhos de aprendizagem. Não desejamos comentar crianças que não fazem aquilo que também nós não fazemos: ler. Ler e sonhar, ler e pensar, sem as amarras do verdadeiro, do certo e do errado, mas sim, soltando fantasias, dialogando com o texto, fazendo as articulações com o real diversificado, porque faz parte da vida dos grupos sociais e dentro deles constitui a vida de cada um.

Esse leitor existe, mas fora da escola. Será que nós nos identificamos com ele? O que temos feito para que este leitor sobreviva? O que lemos? Textos sobre a aprendizagem da leitura ou a própria literatura e percebemos como esta foi entrando nas vidas das pessoas?

Elias CANETTI, um autor búlgaro que se tornou conhecido no País pela tradução de um livro premiado, *Auto de Fé*, é um bom exemplo. Começou a escrever as duas memórias e a primeira parte, um livro belíssimo, chama-se *A Língua Absolvida*. Ao contar a sua infância, os fatos e as pessoas com quem convivia, vai deixando claro o fascínio que a linguagem e a literatura exerceram sobre ele. Não há sequer uma linha sobre a mecânica deste processo, mas sim a magia de descobrir um mundo fantástico que acreditava como verdadeiro, a possibilidade de partilhar com os outros o que vivia com os seus livros.

E falando das estreitas relações entre imaginário e real, traço singular da matéria literária,

deixemos que as palavras de Lygia Bojunga NUNES, recolhidas da sua obra *Livro*, arrematem provisoriamente estas nossas considerações, já que elas revelam a outra face da leitura – ler enquanto exercício de criação:

"... aos sete anos, um livro chamado *Reinações de Narizinho* tinha acordado a minha imaginação e eu tinha me tornado uma leitora, quer dizer, um ser de imaginação ativa, criativa. Eu, leitora, via com a minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras."

"... eu sou leitora, logo, eu participo intimamente desse jogo maravilhoso que é o livro; eu sou leitora, logo eu crio."

